

DESAFIOS DA DOCÊNCIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Vitória Floriano de Almeida¹
Cíntia de Souza Batista Tortato²

RESUMO

O presente artigo teve por objetivo geral investigar na literatura os desafios da docência no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos: elencar os desafios da docência, mais citados na literatura sobre inclusão; investigar sobre a capacitação docente em relação ao autismo; elaborar um quadro comparativo relativo aos desafios mais frequentes na literatura consultada. A temática da inclusão vem se intensificando nos últimos anos, com inquietações e discussões sobre a educação inclusiva, e essas discussões têm ocorrido com relação aos desafios encontrados e com a finalidade de que todas as escolas tenham um sistema inclusivo, na busca pela promoção de igualdade social. Tem-se como metodologia uma abordagem de pesquisa do tipo básica de natureza qualitativa, baseada em levantamento bibliográfico. O problema de pesquisa que disparou a investigação foi: Quais os desafios da docência no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental? Para fundamentar a discussão foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática nos portais Scielo e Google Acadêmico, buscando artigos científicos utilizando as seguintes palavras-chave combinadas: inclusão, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e desafios. O recorte temporal definido foi de 2015, ano em que foi instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) a 2023. Por fim foi realizado um levantamento com os dados analisados, destacando em um quadro, os maiores desafios encontrados, sendo eles relacionados às peculiaridades do estudante com TEA, dificuldades pedagógicas e ainda desafios relacionados a questões da estrutura da escola e contato com a família do estudante.

Palavras-chave: Inclusão. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Desafios.

1. INTRODUÇÃO

Embora a inclusão seja um tema real e bastante discutido na atualidade, que vem se intensificando nos últimos anos, infelizmente nem todas as escolas estão preparadas para garantir o desenvolvimento pleno destes estudantes. Neste sentido, de acordo com Oliveira

¹Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia do IFPR – Campus Curitiba. E-mail: vitoriaflorianodealmeida@gmail.com.

²Dra. em Tecnologia e Sociedade. Professora do Instituto Federal de Educação. E-mail: cintia.tortato@ifpr.edu.br

(*et al.*) 2020, p.84) “a educação inclusiva parte de uma escola que tem como objetivo acolher e promover o desenvolvimento e aprendizagem de todos”.

Por mais que haja legislações que determinam a educação como um direito a todos, garantindo o Atendimento Educacional Especializado (AEE) gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, os estudantes com TEA, ainda encontram obstáculos como preconceito de colegas e professores sem formação adequada para que haja uma educação inclusiva efetiva.

Com base nessas perspectivas, o presente artigo apresentará uma revisão da literatura sobre os desafios da docência no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com isso, a presente pesquisa busca contribuir para pesquisadores da área da Pedagogia e instituições de ensino que têm contato com estudantes do ensino fundamental com TEA, visando fornecer resultados de uma pesquisa bibliográfica, a, e contribuir para que sejam sanadas algumas dúvidas e inquietações sobre a temática.

O problema de pesquisa que disparou a investigação foi: Quais os desafios da docência no processo de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental? A problemática tem sido observada a partir das experiências dos estágios obrigatórios e não obrigatórios, onde o processo de inclusão apresenta grandes desafios às escolas e à docência.

Dessa forma objetivo geral dessa pesquisa foi investigar na literatura os desafios da docência no processo de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos foram: elencar os desafios da docência, mais citados na literatura sobre inclusão; investigar sobre a capacitação docente em relação ao autismo; elaborar um quadro comparativo, em forma de quadro relativo, aos desafios mais frequentes na literatura consultada.

O presente artigo, está organizado em: Introdução, revisão de literatura, metodologia, discussão e resultados e considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A temática da inclusão vem se intensificando nos últimos anos, com inquietações e discussões sobre a educação inclusiva, e essas discussões têm ocorrido com relação aos desafios encontrados e com a finalidade de que todas as escolas tenham um sistema inclusivo, que respeite a diversidade de cada indivíduo, na busca pela promoção de igualdade social.

Essa seção apresentará aspectos históricos da inclusão, sobre a legislação e os sujeitos envolvidos neste processo, assim como questões gerais relacionadas à docência e a inclusão.

2.1 INCLUSÃO - ASPECTOS HISTÓRICOS

A inclusão é um movimento educacional, social e político que busca defender os direitos de todos os indivíduos a participarem de uma forma consciente e responsável, na sociedade e serem incluídos, aceitos e respeitados com suas necessidades específicas.

No decorrer da história, pessoas com Necessidades Especiais Educacionais (NEE) foram vítimas do processo de exclusão. Na antiguidade, essas pessoas eram marginalizadas e eliminadas do meio social devido às suas condições, onde eram lhes tirada a chance de convívio na sociedade.

A Educação Especial começa a ganhar caráter de inclusão na década de 80, na Constituição Federal de 1988 que “determinou atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, principalmente na rede regular de ensino” (Brasil, 1988).

O movimento para inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na escola, tem ocorrido mundialmente desde a década de 1990, com declarações que garantem a educação para todos, devendo usufruir das oportunidades educacionais voltadas às suas necessidades de aprendizagem.

Dentre as declarações, está a Declaração de Jomtien (1990) que teve a finalidade de promover o objetivo da educação para todos:

A declaração de Jomtien foi um documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada na cidade de Jomtien na Tailândia em 1990. Fornece definições e novas abordagens sobre as necessidades básicas de aprendizagem, tendo em vista estabelecer compromissos mundiais para garantir a todas as pessoas os conhecimentos básicos necessários a uma vida digna, visando uma sociedade mais humana e mais justa (Menezes, 2001 p. 1).

Outra declaração é a Convenção de Direito da Criança (Unesco, 1988) que é o instrumento de direitos humanos mais aceito na história universal. Em 1994 foi elaborada a Declaração de Salamanca, um dos maiores marcos da inclusão, que “traz a educação inclusiva como a possibilidade de “reforçar” a ideia de “educação para todos”, como se, até então, alunos com deficiência e/ou com outras necessidades educacionais especiais não frequentassem a escola” (Breitenbach et. al, 2016, p. 365).

Essas declarações foram importantes para a construção de consensos em torno das principais propostas sobre a Educação Especial nas décadas de 1980, 1990 e 2000, ou seja, houve uma reorganização em prol da inclusão escolar. No Brasil, foram criadas políticas para

formação especializada de professores, além de programas de incentivo à participação da família e das comunidades na escola.

Ao se falar em Educação Inclusiva, logo nos remete a Educação Especial, ambas não podem ser distintas, uma complementa a outra, assim, não é possível que haja uma Educação Especial sem uma Educação Inclusiva, tendo como objetivo, ofertar ao estudante com necessidades especiais participar plenamente do processo escolar. Neste sentido, de acordo com o Art. 58 da Lei Nº 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional compreende-se Educação Especial:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (LDBEN - 1996).

A Educação Inclusiva é um processo que ocorre em todas as escolas de qualquer nível, a fim de proporcionar um ensino de qualidade a todos os estudantes independente de suas dificuldades pessoais, intelectuais, necessidades comuns ou especiais. Assim, o papel da escola, no contexto da inclusão, é acolher a todos independente de suas necessidades, assegurando ao estudante, a sua permanência, participação no processo e continuidade da escolaridade.

Enfim, para que a escola seja inclusiva, é necessário que se torne um espaço comum, democrático, respeitando as variadas necessidades de seus estudantes, garantindo-os a permanência não só no âmbito escolar, mas com participação efetiva nas diversas atividades em sala de aula, sem preconceito e sim, acolhimento.

2.2 LEGISLAÇÃO

Na modernidade, foram criadas políticas e instrumentos legais a fim de garantir condições e oportunidades igualitárias e democráticas, onde a sociedade e os sistemas de ensino são convocados a se reorganizar. A sociedade tem movido esforços para a valorização da diferença e da promoção da acessibilidade.

Neste sentido, a inclusão escolar dos estudantes com deficiência, vem sendo assegurada pelos instrumentos legais que orientam os sistemas de ensino para garantir a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) como estratégia de inclusão, possibilitando que o estudante atinja os objetivos propostos para a sua educação.

De acordo com o Decreto nº 7.611/2011 (Brasil, 2011) o AEE são atividades e recursos pedagógicos de acessibilidade organizados institucional e continuamente e é ofertado em salas de recursos multifuncionais, as quais são ambientes com materiais didáticos e mobiliários para estudantes com necessidades educacionais do turno inverso da escolarização, em seu Art. 3º destaca os objetivos do AEE:

I - Prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes;

II - Garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;

III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e

IV - Assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) destaca a importância da inclusão para a garantia da igualdade de oportunidades e participação efetiva de todos nos processos educacionais. Tal política considera os estudantes com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) como “aqueles que apresentam alterações qualitativas nas interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restritas, estereotipadas e repetitivas” (Brasil, 2008).

A Lei nº 13.146/2015, Lei Brasileira de Inclusão (LBI), tem como objetivo assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Com relação às legislações que garantem os direitos dos autistas, a Lei nº 12.764/2012 - Lei Berenice Piana ou Lei dos Autistas institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (Brasil, 2012).

Por meio desta lei, a pessoa com autismo foi considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais. Isso significa que a pessoa com autismo tem todos os direitos garantidos das pessoas com deficiência, que inclui: uma escola inclusiva de qualidade, conteúdos adaptados e o fornecimento do apoio necessário.

De acordo com o COLETIVO AUTISTA - CA-UFGM, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996), designa um capítulo exclusivo para tratar da educação especial, que inclui a educação destinada a estudantes autistas, e a Lei de Atendimento

Preferencial (Lei nº 10.048/2000), estabelece prioridade de atendimento às pessoas com deficiência. A Lei de Acessibilidade (Lei nº10.098/200) estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência e o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) assegura o direito à igualdade de oportunidades e proíbe a discriminação em relação a PcDs.

Neste sentido, considera-se de suma importância que os docentes conheçam algumas leis que abordam os direitos da pessoa com TEA, para que compreendam a necessidade de implementação de medidas de inclusão pedagógica e social nas escolas.

2.3 SUJEITOS

No que diz respeito aos indivíduos considerados estudantes com necessidades educacionais especiais, conforme a Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

I – Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial.

II – Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.

III – Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade (Brasil, 2013, p. 302).

Entre os estudantes que podem ser considerados com “Necessidades Educacionais Especiais”, encontram-se pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Estes sujeitos estão presentes nas escolas e têm o direito a um atendimento especializado, onde a escola se adequa para atender suas necessidades, e o professor seja paciente e atencioso às necessidades dos educandos, trazendo em suas aulas, atividades adequadas, proporcionando um ambiente participativo e inclusivo.

2.4 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Historicamente, a definição de autismo passou por algumas mudanças, à medida que os limites entre ele e outros transtornos foram gradualmente refinados. Leo Kanner em 1940 foi o primeiro médico a falar sobre sintomas de crianças que pareciam viver no mundinho delas, que não interagem com os outros. De acordo com BRAGA (2018, p.28) este pesquisador falou sobre o conceito de “mães geladeiras”, acreditando que as crianças tinham

essas características/sintomas pelas mães serem muito frias e interagirem pouco com a criança. Por mais que seja um conceito absurdo, ainda é falado por muitas pessoas desinformadas.

O DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), é o livro que baseia os diagnósticos de todos os transtornos mentais, em 1952 descrevia o termo “autismo”, relacionando sintomas da esquizofrenia com os sintomas de autismo. A partir de 1980 o DSM - 3, a relação do autismo com a esquizofrenia foi desagregada. O DSM-4 trouxe a definição de autismo com a tríade de dificuldades de socialização, comunicação e interesses restritos e estereotipados. Tinha-se várias categorias de classificação das pessoas que tinham sintomas do autismo: Síndrome de Rett; Transtorno do Espectro Autista; Transtorno Desintegrativo da Infância; Transtorno Invasivo do Desenvolvimento e Síndrome de Asperger.

Segundo Braga (2018, p.117) desde 2013, com a última versão, o DSM-5, não se traz mais diversas possibilidades de classificação diagnóstica, a única classificação é a de “Transtorno do Espectro do Autismo”. Assim, todas as pessoas que apresentam características de dificuldades de comunicação e interação social, interesses restritos e estereotipados, são classificadas como TEA (Transtorno do Espectro do Autismo).

O diagnóstico do TEA é um direito previsto na Lei 12.764 (Lei Berenice Piana) e nem sempre é fácil de ser conseguido, devendo ser feito por uma equipe qualificada, por isso, é necessário que o pediatra tenha conhecimento de todos estes aspectos que envolvem o autismo para que possa fechar o diagnóstico. Muitas famílias não têm acesso a uma equipe qualificada para fazer este diagnóstico e isso acaba retardando esse atendimento necessário para que ela se desenvolva.

De acordo com o DSM-5, as principais características observadas para identificar se a criança se encontra com um nível significativo de sintomas para que possa ser considerada com TEA são: prejuízos da interação social; prejuízos da comunicação qualitativa e interesse, atividades e padrões repetitivos limitados e estereotipados de comportamento.

O transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um transtorno de neurodesenvolvimento, onde a criança tem dificuldades na comunicação social e mantém um interesse restrito e estereotipado por objetos e fenômenos. Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), que veio para facilitar o diagnóstico, o indivíduo com TEA

(...)caracteriza-se por apresentar um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da inserção social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações do transtorno variam imensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica (Cabral e Marin, 2017 p. 4).

Algumas características comumente presentes em pessoas autistas são: 1) processamento sensorial intenso; 2) capacidade analítica de percepção de detalhes; 3) interesse por áreas de conhecimento e objetos específicos; 4) facilidade em reconhecer padrões e em criar imagens mentais; 5) capacidade de memorizar informações; 6) preferência por determinados movimentos; 7) interesse em assuntos específicos; 8) capacidades e dificuldades de interação social, em diferentes graus; 9) preferência por situações previsíveis e controláveis; e 10) manifestação destes sinais desde a infância, de maneira variável ao longo da vida (Coletivo Autista -CA - UFMG).

De acordo com Braga (2018, p. 123), o TEA é classificado a partir de níveis de gravidade sintomática, sendo eles: 1 – leve (exige apoio); 2 – moderado (exige apoio substancial); e 3 – severo (exige muito apoio substancial). Com isso, os níveis são utilizados para entender a gravidade dos sintomas e identificar as necessidades de suporte, considerando que cada pessoa é única e apresentam habilidades e características diferentes.

Neste sentido, com a identificação dos sintomas e com o diagnóstico feito por especialistas, pode-se ajudar a criança com TEA, pois existem meios que estimulam a criança a aperfeiçoar sua aprendizagem e modo de se comportar, até porque, não existe cura para o autismo

2.5 DOCÊNCIA E INCLUSÃO

No que diz respeito à formação do docente, considera-se necessário que o profissional da educação participe de formações continuadas e troca de experiências com outros profissionais, a fim de ampliar seus conhecimentos. No âmbito da inclusão e educação especial, entende-se que este processo, muitas vezes pode ser desafiador para os docentes, que não foram preparados para trabalhar com estudantes com TEA, devido a possíveis falhas no processo de formação inicial.

Neste sentido, ao compreender o que é a inclusão, se faz necessário a formação dos docentes, na busca de ferramentas que possibilitem novas concepções, metodologias e reflexões fundamentais para a ação pedagógica, visando uma escola inclusiva, escola para todos.

De acordo com a Cartilha Pedagógica para Professores, elaborada pelo Coletivo Autista-UFMG (2023, p.12) o “professor durante as aulas deve valorizar as habilidades dos estudantes autistas como: capacidade analítica, pensamento crítico e lógico, integridade e honestidade, identificação de padrões, boa memória e atenção a detalhes e interesses

intensos em certos assuntos. ” De forma em que crie um ambiente positivo, seguro, acolhedor, onde os estudantes se sintam e confiantes e pertencentes ao ambiente escolar.

É papel dos professores, oferecer ao estudante autista adoção de medidas de inclusão, adaptação e acolhimento, proporcionar um ambiente inclusivo de aprendizagem, manter com o estudante uma comunicação clara, oferecer aulas diversificadas que façam sentido para toda a turma, modificar as avaliações quando necessário além de manter uma comunicação com o apoio psicopedagógico.

É necessário que o docente tenha muita calma e compreensão para com o estudante autista, mantendo um vínculo afetivo e contato com o estudante, assim ele se sentirá seguro e aberto às propostas do professor contribuindo para o seu aprendizado.

Com relação à capacitação dos docentes, o Ministério da Educação do Brasil (MEC) estabeleceu as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica, destacando a organização dos sistemas de ensino e a formação continuada do professor, no art. 59:

III- professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores de ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns. (Brasil, 1996)

Apesar de estar previsto em Lei, uma educação de qualidade para todos e suporte aos docentes, existe uma grande falha na capacitação destes profissionais. Com a ausência de formação e conhecimentos, para os docentes, este processo de inclusão de estudantes com TEA se torna ainda mais desafiador, neste sentido, para que aconteça uma prática pedagógica inclusiva

(...) é necessário e fundamental o entendimento de que o que deve ser diferenciado ou adaptado não é o currículo, o conteúdo ou a atividade para o aluno com deficiência, e sim que a forma e os recursos sejam adequados às necessidades de aprendizagem da criança para que o mesmo conteúdo e a atividade que os demais alunos sem deficiência praticam sejam ensinados (Mantoan, 2015 *apud* Camargo *et al.*, 2020).

Entretanto, a inclusão de estudantes com TEA na rede regular de ensino é desafiador para os professores que se veem sem saber como lidar com as dificuldades e as formas de ser. Deveria haver um investimento para participação de cursos na rede de ensino, visando a capacitação dos docentes para o processo de inclusão na escola comum. Muitas vezes, até lhes é fornecido cursos, mas que não são suficientes e não atendem às necessidades e às especificidades dos desafios e do trabalho diário com estes estudantes.

No que se refere a acessibilidade pedagógica para pessoas autistas, percebe-se que ainda há muito a ser avançado sobre a importância da inclusão. De acordo com a Cartilha Pedagógica para Professores, elaborada pelo Coletivo Autista-UFMG “a taxa de evasão é altíssima, menos de 40% dos autistas conseguem completar seus estudos”. (Coletivo Autista-UFMG, 2023, p.12).

3. METODOLOGIA

O curso de Licenciatura em Pedagogia é baseado na Pedagogia Histórico Crítica que tem por proposta a ação pedagógica fundamentada na articulação entre teoria e a prática (práxis), onde as bases teóricas são o materialismo histórico dialético, que “caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade [...]” (Pires, 1997 p.28).

O presente trabalho de conclusão de curso se deu por meio de uma pesquisa do tipo básica, de natureza qualitativa, que de acordo com Godoy (1995, p.4):

A abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Este método de pesquisa foi escolhido pois acredita-se que será possível alcançar uma proximidade e domínio sobre as informações, processos e resultados, além de oferecer um conjunto de dados que tornam os resultados mais assertivos, pois colaboram para analisar contextos complexos.

Com a finalidade de analisar as pesquisas já produzidas sobre a temática, além de obter-se um maior aprofundamento sobre o assunto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. A pesquisa bibliográfica tem o objetivo de reunir as informações de dados que servirão de base para a construção de uma investigação, a partir de determinado tempo. De acordo com Lima e Mito (2007, p. 38) “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”.

Inicialmente foram realizadas leituras de artigos selecionados nos portais Scielo e Google Acadêmico, utilizando as seguintes palavras-chave combinadas: inclusão; autismo e desafios, com um recorte de tempo de 2015 a 2023. O ano de 2015 foi escolhido pensando na instituição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), que ocorreu em 6 de julho de 2015. Teve-se o objetivo de buscar nos artigos utilizados, os desafios da docência no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista, e como objetivos específicos: Elencar os desafios da docência, mais citados na literatura sobre inclusão; Investigar sobre a capacitação docente em relação ao autismo; Elaborar um quadro comparativo relativo aos desafios mais frequentes na literatura consultada. Após a coleta dos artigos, três quadros foram construídos a partir das categorias desafios, desafios mais destacados e estratégias, essa última como achado de pesquisa pois não estava prevista na busca inicial mas reconheceu-se a sua importância. Assim os dados foram organizados da seguinte forma: no Quadro 1 os artigos consultados foram codificados,

o quadro 2 indicando os desafios apontados em cada artigo, o quadro 3 enfatizando os desafios mais frequentes e o quadro 4 com as estratégias encontradas nos documentos pesquisados.

4. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A presente pesquisa foi realizada com a busca de artigos nos portais Scielo e Google Acadêmico, que abordam a temática trabalhada, utilizando o recorte de temporal de 2015 a 2023 e as seguintes palavras-chave combinadas: inclusão, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e desafios.

Primeiramente foram selecionados 11 artigos que foram analisados, através da leitura, buscou encontrar os desafios apontados na docência, no processo da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. Um dos artigos foi eliminado pois se tratava do processo de inclusão dos estudantes com TEA na Educação Infantil, fugindo do objetivo proposto no presente estudo. Assim, para a pesquisa, foram utilizados 10 artigos selecionados.

Com a coleta dos dados, foi possível realizar um levantamento dos desafios apontados e posteriormente, organizá-los em um quadro, destacando os maiores desafios encontrados, apontando o artigo que ressaltou o desafio e em seguida apresentando os desafios observados em cada um deles. Durante a análise dos artigos, foi inevitável perceber que mesmo nas entrelinhas, todos destacavam estratégias utilizadas pelos profissionais da educação para tentar superar as dificuldades e melhor atender o estudante com TEA, assim, a partir dessa percepção foi acrescentado o quadro 3 com a apresentação desses dados.

Para melhor apresentar os resultados encontrados, fica aqui estabelecido que os artigos serão codificados como A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9 e A10 como apresentado no Quadro 1:

Quadro 1 - Referências

Código	Referência
A1	CAMARGO, S. P.H; SILVA, G.L; CRESPO, R.O.; OLIVEIRA, C.R; MAGALHÃES, S. L. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. Educação em Revista . Belo Horizonte, 2020.
A2	SILVA, Gabriella Maia. A inclusão de autista nas salas de aulas normais: desafios e possíveis maneiras de vencê-los. Revista Caparaó , V. 1, 2019.
A3	THAYNALIA, Iana, T. O.; SILVA, Francisca F.; SILVA, Janine M. Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais: desafios da prática docente. Revista Humanidades e Inovação . Palmas Tocantins. vol.7 n.8. 2020.
A4	SILVA, Marília Marluce; NUNES, Cícera Alves; SOBRAL, Maria do Socorro Cecílio. A inclusão educacional de alunos com autismo: desafios e possibilidades. Id on Line Rev. Mult. Psic. v.13, n. 43, 2019.
A5	SCHMIDT, Carlo; NUNES, Débora R. P.; PEREIRA, Débora M;; OLIVEIRA, Vivian F; NUERNBERG, Adriano H.; KUBASKI, Cristiane. Inclusão Escolar e Autismo: uma análise

	da percepção docente e práticas pedagógicas. Revista Psicologia: Teoria e Prática . São Paulo, 2016.
A6	RODRIGUES, Denise da Silva; JESUS, Elisleide Ferreira; SILVA, Renata dos Santos. Os desafios da inclusão escolar de crianças com autismo: da teoria à prática, Senhor do Bonfim-BA, 2021.
A7	CUNHA, F.L; SANTOS, L. A. S; VIVEIROS, K. F. M; TAVARES, A. M. B. N; SOUZA, I. A. R. Autismo: desafios e possibilidades do comunicar para incluir. Revista Observatório de La Economia Latinoamericana . Curitiba, v.21, n.4, 2023.
A8	CUNHA, Marily Oliveira. O Transtorno do Espectro Autista em Tempos de Inclusão Escolar: o foco nos profissionais de educação. Revista Educação Especial , v. 31, n. 61, Santa Maria, Brasil, 2018.
A9	SOUSA, Maria Josiane Sousa. Professor e o Autismo: desafios de uma inclusão com qualidade. Revista Educação Especial . Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2015.
A10	CARNEIRO, L. V; SILVA, V. P. O; FARIAS, F. L. V; RIBEIRO, K. S. Q. S. Desafios no processo de educação inclusiva para crianças com transtorno do espectro autista. Revista Eletrônica Acervo Saúde , v.13, 2021.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A fim de destacar os desafios e dificuldades encontradas pelos docentes no processo de inclusão de estudantes com TEA apontados nos artigos analisados, o levantamento será apresentado no Quadro 2:

Quadro 2 - Desafios e dificuldades segundo a literatura consultada

Código	Desafios/Dificuldades
A1	Comportamental (recusa em fazer atividades, agressividades, interesses restritos e estereotipados); Ausência de informações e conhecimentos na formação inicial; Comunicação; Interação social; Falta de recursos e estratégias adaptadas; Aceitação do estudante por parte a classe; Difícil comunicação com a família; Dificuldades pedagógicas (ensinar e avaliar o estudante).
A2	Dificuldades relacionadas às características e peculiaridades dos estudantes com TEA (socialização, integração ambiental, comunicação e capacidade de refletir e atribuir significado às informações); Dificuldades pedagógicas (formação básica e insuficiente voltada para a inclusão, concepções ultrapassadas sobre estudantes com necessidades educacionais especiais, indisciplina dos estudantes, falta de participação da família, faltas frequentes à escola por parte dos estudantes e inexistência da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) nas escolas).
A3	Déficit na oferta de subsídios que possibilitem uma atuação que supra a necessidade dos educandos com deficiência; Falta de formação continuada específica; Falta de materiais didáticos; Falta de acompanhamento da família; Salas de aula superlotadas; Falta de profissional de apoio na sala; Estrutura física inadequada.
A4	Dificuldades de comunicação;

	<p>Dificuldades de intermediar a interação do estudante com os demais; Falta de formação específica; Necessidade de acompanhamento diversificado com o estudante com TEA; Saber se o estudante aprendeu o que foi ensinado; Dificuldades no campo da leitura e tarefas de sala; Falta de concentração do estudante; Socialização dos estudantes (isolamento); Falta de recursos pedagógicos adaptados; A inclusão do autista nas atividades diárias; Turma numerosa.</p>
A5	<p>Estudante com TEA como inacessível às práticas pedagógicas do professor; Dificuldades sociais, como a retração e o distanciamento; Dificuldades na fala; Vocabulário e brincadeira restritos; Comportamentos estereotipados e interesses restritos; Comportamentos agressivos; Peculiaridades do estudante na interação e aprendizagem; Comportamentos de ansiedade, impulsividade e agitação; Estudante inquieto e imprevisível; Falta de tempo perto do estudante; Déficit na formação dos docentes; Dificuldades em planejar, ensinar ou avaliar aprendizagens apropriadas à etapa escolar; O desafio da alfabetização do estudante com TEA.</p>
A6	<p>Falta de formação complementar para os docentes; Falta de matérias didáticas que são de extrema necessidade para dar prosseguimento a essas práticas pedagógicas.</p>
A7	<p>Lidar com a realidade do mundo autista; Aprender a desenvolver a capacidade de concentração na criança; Dependência por rotinas por parte dos estudantes; Falta de formação dos profissionais sobre a temática.</p>
A8	<p>Dificuldade de interação social; Dificuldades de aprendizagem; A forma com a qual o professor visualiza seu estudante (pode potencializar ou inibir a forma de lidar com ele); Dificuldades em como lecionar para o estudante; Falta de formação específica e auxílio pedagógico aos docentes; Falta de recursos pedagógicos; Aspectos comportamentais (estereotipados e repetitivos); Falta de um momento para planejamento (carga horária é exclusiva para os profissionais atuarem com os estudantes, relegando assim a questão do planejamento para segundo plano.</p>
A9	<p>Sentimento de despreparo por parte dos professores; Falta de experiência e capacitação para lidar com alguns tipos de deficiência; Desafio de efetivar o processo de inclusão, considerando que é seu dever criar estratégias de desenvolvimento que atenda às necessidades de todos os alunos; Dificuldades de comunicação e interação social por parte dos estudantes; Ausência de uma mediadora; Dificuldades em fazer as intervenções adequadas; Falta de formação e capacitação dos professores para trabalhar com alunos especiais;</p>
A10	<p>Falha na estrutura da escola; Carência de tecnologia de ensino adequado;</p>

	Falta de qualificação dos professores; Sentimento de despreparo, medo e insegurança por parte dos profissionais; Dificuldades para a inclusão e aceitação dentro e fora das salas de aula; Salas de aula muito numerosas; Dificuldade na avaliação dos estudantes; Falta de formação continuada que proporcione arcabouço técnico-teórico que respalde práticas específicas.
--	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Com a análise dos artigos, fica explícito em praticamente todos, que quando falamos no atendimento de estudantes com TEA na sala de aula da rede regular de ensino, por parte dos professores, há um sentimento de despreparo e questionamentos sobre como fazer, de maneira que promova inclusão e aprendizagem dos estudantes.

Cabe lembrar que as dificuldades encontradas na docência, no trabalho com estudantes com TEA no âmbito da inclusão, não diz apenas a respeito do trabalho que o professor irá desenvolver para incluir o estudante, mas sim, as barreiras encontradas no ensino aprendizagem desse estudante enquanto inserido em uma turma da escola regular. Como destacado no quadro acima, os desafios vão desde desafios encontrados pelas características do transtorno, como o professor irá combater os preconceitos dos colegas de classe e até como irá funcionar o ensino e a avaliação deste estudante.

Ao analisar os artigos, foi possível notar que todos apresentaram desafios na docência, no aspecto da inclusão de estudantes com TEA, que dizem respeito às características e particularidades do transtorno, aspectos que podem se tornar uma barreira no trabalho da docência, onde por muitas vezes o professor se encontra com medo, receio e sentimento de despreparo para trabalhar com estes estudantes, decorrente da falta de formação continuada especializada, fato também apontado como desafio neste processo.

Devido às características peculiares que cada criança apresenta, o processo de aprendizagem de estudantes com TEA exige adaptações que enfrentem os métodos tradicionais de ensino, algo desafiador aos professores, exigindo dos mesmos a superação de barreiras para garantir de maneira efetiva o direito e a permanência destes estudantes no ensino comum.

Em 7 dos artigos selecionados, sendo eles o A1, A2, A4, A5, A7, A8 e A9, são destacadas dificuldades e desafios relacionados às características e peculiaridades do estudante com TEA como: recusa em fazer atividades; comportamentos agressivos; interesses restritos e estereotipados; dificuldades de comunicação, interação social e integração ambiental; ausência de capacidade de refletir e atribuir significado às informações; falta de concentração do estudante, distanciamento e isolamento, “dificuldades na fala”, comportamentos de ansiedade, impulsividade e agitação; dificuldades de aprendizagem.

Um desafio recorrente nos 10 artigos, diz respeito ao déficit na formação dos docentes, onde há ausência de informações e conhecimentos sobre o TEA, recorrente da formação básica e insuficiente voltada para a inclusão, assim como a falta de formação continuada específica e de recursos e estratégias adaptadas para as necessidades dos estudantes com TEA. Neste sentido, este déficit na formação dos docentes, resulta no sentimento de medo, insegurança e de despreparo, como destacado no A10.

No A1, A4, A9 e A10, foram apontados desafios que dizem respeito à inclusão do estudante com TEA, onde o professor encontra dificuldades em efetivar o processo da inclusão do estudante com TEA nas atividades diárias, assim como a aceitação deste estudante dentro e fora da escola.

A falta de acompanhamento e participação da família neste processo foi apontado como um desafio nos artigos A1, A2 e A3, considerando que a participação e o diálogo entre família e escola, é fundamental na aprendizagem do estudante com TEA, pois complementa o trabalho da escola, assim podem ajudar a vencer as barreiras que estão dificultando o aprendizado e a inclusão de alunos com TEA.

Em 9 dos artigos, sendo eles o A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9 e A10, são apontadas dificuldades pedagógicas, que estão relacionadas ao ensinar e avaliar os estudantes, a dificuldade em saber se o estudante se aprimorou do conteúdo, sobre a necessidade de acompanhamento diversificado dos estudantes e ainda a falta de tempo tanto com o estudante quanto para planejamento.

Ainda neste sentido, no A8, foi apontado como um desafio, a forma com que o docente olha para o estudante com TEA, podendo potencializar ou inibir a forma de lidar com o estudante. Penso que o professor, ao se deparar com um estudante com TEA, não deve olhar apenas as suas limitações e condições médicas, mas sim olhar para ele pensando que ele está em desenvolvimento e que conforme ele for estimulado, conseguirá se desenvolver.

Com relação à aspectos da estrutura da escola, foram apontados em 5 dos 10 artigos, sendo eles, A2, A3, A4, A9 e A10, desafios como a carência de tecnologia de ensino adequado, a inexistência da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) nas escolas), a falta de profissionais de apoio e ainda as salas de aula superlotadas.

Assim, é possível notar que os desafios encontrados variam, entre desafios relacionados às peculiaridades do estudante com TEA, dificuldades pedagógicas e ainda relacionada a questões da estrutura da escola e contato com a família do estudante. Estes aspectos apontados como desafios e até barreiras da docência no processo de inclusão de estudantes com TEA, são pontos essenciais para garantir o direito e a permanência dos estudantes com TEA na escola regular, assim como auxiliar no seu desenvolvimento.

Para destacar os desafios mais frequentes entre os 10 artigos analisados, foi elaborado o Quadro 3 apresentado abaixo:

Quadro 3 – Dificuldades e desafios mais frequentes

Dificuldades/Desafios	Código
Falta de comunicação com a família	A1, A2, A3
Déficit na formação docente	A1,A2,A3,A4,A5,A6,A7,A8,A9,A10
Salas de aula superlotadas	A3,A4,A10
Dificuldades pedagógicas (ensinar e avaliar o estudante)	A1,A5,A8,A9,A10
Dificuldades relacionadas às características do TEA (comportamento, interação social, comunicação)	A1, A2, A4, A5, A7, A8, A9

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Por meio do quadro 3, foi possível elencar os desafios mais frequentes apresentados entre os artigos, deixando explícito que o desafio mais frequente, destacado nos 10 artigos, é o déficit na formação docente. Fica evidenciado que os docentes estão despreparados para atender os estudantes com TEA, muitas vezes por uma falha em sua formação inicial e até falta de formação continuada.

Destaco aqui, que para que a inclusão destes estudantes ocorra de maneira efetiva, é necessário que o docente tenha uma formação adequada para atender as necessidades dos estudantes com TEA, como lhe é de direito. Tendo em vista que muitas vezes a formação continuada é deixada de lado ou até mesmo não dá conta da realidade encontrada nas escolas, é preciso uma busca ativa pelos docentes, para adquirir conhecimentos que lhe auxiliem em suas práticas, para além do que lhe é oferecido pela escola.

Nos artigos analisados, destaca-se como achados para essa pesquisa, já que não estavam previstos na busca inicial, mas que devem ser destacados são estratégias utilizadas pelas docentes, a fim de amenizar as dificuldades e desafios da docência encontrados no processo de inclusão de estudantes com TEA, apresentadas em praticamente todos os artigos analisados, organizados no quadro 4:

Quadro 4 – Estratégias destacadas

Código	Estratégias
A1	Busca por informações formais (livros, cursos) e informais (internet, família); Busca por materiais ou atividades específicas; Estratégias gerais (mudar objetos de lugar, sistemas de trocas, músicas para acalmar – senso comum); Estratégias para incentivar a socialização dos estudantes com TEA (brincadeiras, atividades fora de sala, etc.);

	Estratégias para sanar as dificuldades comportamentais do estudante (sistema de trocas, tom de voz baixo, retirar da sala de aula).
A2	Ter uma boa relação entre professor e estudante; Utilizar portfólio como forma de avaliação da aprendizagem do estudante; Observar as dificuldades de comunicação da criança, e utilizar o método da repetição; Utilizar comunicação alternativa; Manter um diálogo com os familiares.
A3	Não localizadas no artigo.
A4	Manter-se informada sobre a temática (pesquisar na internet); Manter o estudante dentro de todas as atividades realizadas dentro e fora da sala de aula. Buscar incentivar os estudantes nas interações orais, solicitando sua participação nos experimentos, bem como na resolução das atividades; Utilizar materiais visuais e concretos; Buscar compreender um pouco sobre o TEA.
A5	Planejar de acordo com o conhecimento sobre as características e preferências do estudante; Práticas pedagógicas que tenham como objetivo a promoção de aprendizagens formais, como a alfabetização; Práticas para maximizar a interação e participação do aluno com TEA.
A6	Não localizadas no artigo.
A7	Compreender e observar, criando possibilidades de se comunicar com essa criança; Atrair a atenção da criança autista para que haja interação entre o estudante e o professor; Estimular o desenvolvimento e autonomia dos estudantes, utilizando recursos didáticos; Estimular a concentração do estudante durante as tarefas, trabalhando o olhar, o toque, a audição, o corpo, a linguagem como comunicação, dinâmicas com coordenação motora e sensorial tátil; Promover atividades em grupo; Utilizar linguagem clara e precisa.
A8	Levar atividades diferenciadas para o estudante; Buscar conhecimentos sobre o TEA.
A9	Conhecer as características do TEA Detectar as dificuldades dos estudantes Promover a participação dos estudantes nas atividades, favorecendo a comunicação entre todos os estudantes Manter-se atualizado sobre a temática Pesquisar estratégias de ensino para adaptar os conteúdos; Ter sensibilidade para lidar com as limitações e necessidades dos estudantes; Amparar a ação pedagógica a um preparo teórico, metodológico e prático; Manter a formação continuada sempre ativa.
A10	Organização de rotinas e cronogramas visuais; Capacitação de profissionais, tanto nos cursos de graduação em pedagogia quanto em programas de formação continuada para educadores.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Nos artigos A1, A2, A4, A5, A7, A8, A9, A10, foram expressos de maneira clara, já em outros nas entrelinhas, estratégias utilizadas pelas docentes a fim de amenizar as dificuldades e desafios encontrados neste processo. Em algumas estratégias é possível notar o

despreparo dos docentes que utilizam métodos e estratégias que partem do senso comum que eles acham adequadas, sem ter uma comprovação de que é o melhor para os estudantes com TEA.

Segundo os artigos consultados, algumas das docentes tinham como estratégia a busca por conhecimentos, por meio de troca de experiências e buscas na internet, livros e revistas, procurando sempre se manter atualizadas sobre a temática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso pretende entender os principais desafios da docência, no processo de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo, para sanar inquietações sobre a temática, por meio de uma abordagem de pesquisa do tipo básica de natureza qualitativa, baseada em levantamentos bibliográficos.

Para se atingir uma compreensão dos desafios da docência no processo de inclusão de estudantes com TEA, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro, “Elencar os desafios da docência, mais citados na literatura sobre inclusão”, destacado no Quadro 4, que por meio da análise de 10 artigos selecionados, destaca-se os principais desafios encontrados neste processo. Verificou-se que os principais desafios estão relacionados as dificuldades pedagógicas, peculiaridades e características dos estudantes com TEA e ainda desafios relacionados ao contato com a família do estudante e à estrutura da escola.

O segundo, “Investigar sobre a capacitação docente em relação ao autismo”, verificou-se que, em relação à capacitação docente, as informações encontradas nos artigos analisados ainda são iniciais. Neste sentido, é preciso que haja um investimento na formação inicial e continuada de professores, principalmente, que abordem as temáticas da inclusão e das deficiências que estão presentes em nossa realidade, para que assim, estes profissionais estejam preparados para recebê-los, de forma inclusiva e acolhedora.

O terceiro objetivo específico, “Elaborar um quadro comparativo relativo aos desafios mais frequentes na literatura consultada” foi expresso por meio do quadro 3, onde foi possível elencar os desafios mais frequentes nos artigos consultados. “Conclui-se que o desafio mais frequente, destacado nos 10 artigos, é o déficit na formação docente”.

O processo realizado por meio deste trabalho, é uma aprendizagem sobre o fazer pesquisa, algo muito importante no mundo acadêmico, entendendo a pedagogia como objeto de conhecimento, nos tornamos seres pensantes, aprimorando nossas habilidades analíticas, promovendo pensamentos críticos sobre evidências e gerando novos conhecimentos. Assim, a análise permitiu concluir que dentre tantos desafios, o maior desafio encontrado na docência, no processo de inclusão de estudantes com TEA, diz respeito ao déficit na formação

dos professores, ou seja, estes docentes não têm preparação adequada para auxiliar estes estudantes em seu processo de aprendizagem, e de garantir a permanência deste na escola de ensino regular, com um ensino de qualidade e inclusão neste espaço.

A presente pesquisa aponta para a necessidade de mais pesquisas sobre a temática, para que seja compreendido por todos, a necessidade de capacitação dos docentes, seja em sua formação inicial ou continuada, uma capacitação voltada às deficiências que estes poderão encontrar em sala de aula. É preciso que seja oferecido ao docente, uma formação que o capacite para o trabalho com os estudantes com TEA, mas para isso, é necessário conhecer o mundo destes estudantes, conhecer as características do transtorno, assim como seus limites e facilidades.

É necessária uma formação docente, de forma permanente, em que sejam apresentadas e estudadas as diversas questões relacionadas à inclusão que podem surgir em sala de aula, a fim de conscientizar sobre a necessidade de um olhar atento, acolhedor e respeitoso às necessidades e características dos estudantes. Construir com os docentes as diferentes metodologias e recursos que podem utilizar em sala de aula com estes estudantes e lhes fornecer subsídios. A inclusão é um processo que está em construção, e por isso, é muito importante que a luta seja constante para que se alcance os objetivos necessários.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Qual a definição de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA)?**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/censo-escolar/educacao-especial/qual-a-definicao-de-estudantes>. Acesso em: 16 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. MAPA. Memória da Administração Pública Brasileira. **Instituto dos meninos cegos**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/815-instituto-dos-meninos-cegos>. Acesso em: 16 set. 2023.

BREITENBACH F. V.; HONNEF C. COSTAS F. A. T. **Educação inclusiva: as implicações das traduções e das interpretações da Declaração de Salamanca no Brasil**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ [Internet]. 2016 Jun; Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362016000200005>. Acesso em: 24 set. 2023.

CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. Inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática da literatura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, 2017.

CAMARGO, S. P.H; SILVA, G.L; CRESPO, R.O.; OLIVEIRA, C.R; MAGALHÃES, S. L. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, 2020.

CARNEIRO, Lucila V; SILVA, Vitória P. O; FARIAS, Fernanda L. V; RIBEIRO, Kátia S. Q. S. Desafios no processo de educação inclusiva para crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Vol.13(6), 2021.

CUNHA, F.L; SANTOS, L. A. S; VIVEIROS, K. F. M; TAVARES, A. M. B. N; SOUZA, I. A. R. Autismo: desafios e possibilidades do comunicar para incluir. **Revista Observatório de La Economia Latinoamericana**, Curitiba, v.21, n.4, 2023.

CUNHA, Marily Oliveira. O Transtorno do Espectro Autista em Tempos de Inclusão Escolar: o foco nos profissionais de educação. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 61, Santa Maria, Brasil, 2018.

FERREIRA, Mônica Misleide Matias; FRANÇA, Aurenia Pereira. O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. v. 11, n. 38. 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.2, p.57-63, 1995.

INSTITUTO SINGULAR MAYRA GAIATO. 2021. Disponível em: <https://institutosingular.org/caracteristicas-niveis-autismo/> Acesso em: 02 jun. 2023.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... *et al.*]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [*et al.*]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Declaração de Jomtien. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/declaracao-de-jomtien/>>.

MISLEIDE, Mônica, M. F.; PEREIRA, Aurenia F. O autismo e as dificuldades no processo de aprendizagem escolar. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. v.11, n.38. 2017

OTACILIO, João L. S.; PATTRIZZIA, Geysa T. S.; SCHMIDT, Carlo; ALMERINDA, Maria S. M. O atendimento educacional especializado para os educandos com autismo na rede municipal de Manaus-AM. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília. v.102. n.260. 2021.

RODRIGUES, Denise da Silva; JESUS, Elisleide Ferreira; SILVA, Renata dos Santos. Os desafios da inclusão escolar de crianças com autismo: da teoria à prática, Senhor do Bonfim-BA, 2021.

SCHMIDT, Carlo; NUNES, Débora R. P.; PEREIRA, Débora M.; OLIVEIRA, Vivian F; NUERNBERG, Adriano H.; KUBASKI, Cristiane. Inclusão Escolar e Autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, 2016.

SILVA, Gabriella Maia. A inclusão de autista nas salas de aulas normais: desafios e possíveis maneiras de vencê-los. **Revista Caparaó**, V. 1, 2019.

SILVA, Marília Marluce; NUNES, Cícera Alves; SOBRAL, Maria do Socorro Cecílio. A inclusão educacional de alunos com autismo: desafios e possibilidades. **Id online Rev. Mult. Psic.** v.13, n. 43, 2019.

SOUSA, Maria Josiane Sousa. Professor e o Autismo: desafios de uma inclusão com qualidade. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2015.

THAYNALIA, Iana, T. O.; SILVA, Francisca F.; SILVA, Janine M. Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais: desafios da prática docente. **Revista Humanidades e Inovação.** Palmas Tocantins. vol.7 n.8. 2020.

WHITMAN, Thomas L. O desenvolvimento do autismo: social, cognitivo, linguístico, sensório-motor e perspectivas biológicas. São Paulo. 2015.